

Chalámov: A Prosa da *Terra da Morte Branca*

Andrea Zeppini Menezes da Silva*

Resumo: Varlam Chalámov é um escritor desconhecido no Brasil. Nasceu na Rússia em 1907 e passou dezessete anos em campos de trabalho stalinistas. Na década de 50, depois de liberto, começa a escrever *Contos de Kolimá*, sua obra mais importante. Trata-se de seis ciclos de contos que misturam memória, ficção e história para narrar sua experiência do período. Criou uma "nova prosa", que tem como base a memória, a verdade do autor, o testemunho. O presente trabalho objetiva apresentar o autor, algumas características de sua obra e o contexto histórico em que ela foi criada.

Palavras-chave: Chalámov, testemunho, memória

Abstract: Varlam Shalamov is an unknown writer in Brazil. Born in Russia in 1907 and spent seventeen years in Stalinist labor camps. In the 50's, starts writing *Kolyma Tales*, his most important work. It has six cycles of tales: memory, fiction and history to narrate his experience of the period. He created a "new prose" which is based on memory, the truth of the author, the testimony. This paper aims to present the author, some features of his work and the historical context in which it was created.

Keywords: Shalamov, testimony, memory

* USP (Universidade de São Paulo) – doutoranda do Programa de Literatura e Cultura russa

“Terra da morte branca”, assim Kolimá era chamada já na década de 30, quando foi mandado para lá Varlam Chalámov, o escritor que passou 17 anos em campos de trabalho stalinistas e depois escreveu sobre essa experiência em seus *Contos de Kolimá*.

Varlam Tikhonovitch Chalámov ainda é um ilustre desconhecido no Brasil. Russo, nasceu em Vologda, em 1907 e morreu em Moscou, em 1982. Sua mãe era professora e o pai, sacerdote da Igreja Ortodoxa. O irmão morreu na guerra civil. A família foi perseguida e Chalámov, proibido de ingressar na faculdade. Foi para Moscou, onde trabalhou com alfabetização. Só conseguiu entrar na faculdade após dois anos, depois de começar a trabalhar como operário em uma fábrica. Em 1927, já estudante de Direito na Universidade de Moscou, juntou-se a um grupo de jovens trotskistas aos 20 anos. Preso em 1929, recebeu uma pena de 3 anos, sendo mandado para Solovki, um dos primeiros campos soviéticos, pertencente ao que viria a ser, algum tempo depois, o Gulag (*Glavnóe Upravlenie Lagueréi* ou Direção Geral dos Campos). Sigla criada inicialmente para designar os campos de trabalho da União Soviética, com o tempo passou a “designar todo o sistema soviético de trabalho escravo em todas as suas formas e variedades: campos de trabalho, campos de castigo, campos para delinquentes comuns e para presos políticos, campos para mulheres, campos para crianças, campos de trânsito.” (APPLEBAUM. 2006. P. 19)

Contextualizando, a história dos campos de concentração é bem anterior a Stálin e a Hitler. Campos de concentração foram utilizados já em 1896 por tropas espanholas em Cuba, para isolar os revoltosos e privá-los de alimento e apoio. Depois disso, em 1900, na África do Sul, os ingleses usaram esse método na Guerra dos Bóers. Os campos já tinham o objetivo de confinar populações, não por terem cometido algum suposto crime, mas por serem potencialmente perigosas (TOKER. 2000. P.11). Os alemães também aproveitaram essa ideia

na África, só que acrescentaram o trabalho dos presos. Tudo isso vai aparecer nos campos stalinistas.

Também não foram Hitler e Stálin que inventaram os trabalhos forçados. Na Rússia czarista o trabalho forçado era comum desde o século XVII. A prática do desterro começa sua história nesse país já em 1649 e era vista como uma prática mais branda, se comparada à morte e à mutilação. Não era para delinquentes comuns e sim para dissidentes políticos e religiosos (APPLEBAUM. 2006. P. 36). Como nos campos da era stalinista, o trabalho forçado na época czarista não era apenas um castigo, mas uma solução econômica, já que enviava trabalhadores para explorar recursos naturais no extremo oriente. Sob Stálin, por exemplo, os campos de trabalho foram a base da economia e do poder soviético. O regime de trabalhos forçados passou a se chamar *katorga* já no século XVIII. A própria Petersburgo foi construída pelo trabalho escravo, sob Pedro I.

Pouco depois da Revolução, já em 1918, Trotski mandava soldados brancos resistentes para campos de concentração. A Cheká (Extraordinária Comissão para o Combate à Contrarrevolução, Sabotagem e Especulação) era o órgão que fazia a maior parte das prisões e foi criada já em 1917. Em 1918 os campos foram legalizados por um decreto, ainda que nessa época fosse mais comum a simples eliminação dos "inimigos". É nesse ano que começa o "terror vermelho", a mando de Lênin. "A partir de 1918 houve regularmente deportações e detenções em massa, que no início da década de 20 afetaram primeiro os políticos da oposição; depois, ao final da década, os 'sabotadores' e, finalmente, os kulaks no início dos anos 30" (APPLEBAUM. 2006. P. 132). Na década de 40 durante a guerra, foram deportadas e eliminadas nacionalidades inteiras.

Já em 1921, havia 84 campos em 43 províncias e chegaram a existir pelo menos 476 complexos de campos (APPLEBAUM. 2006. P. 20). As pessoas que o governo prendia passaram a ser chamadas

de “inimigos do povo”, sobretudo os presos “políticos”, intelectuais, sendo levados para os campos sob o discurso da “reeducação”, quando, na verdade, foram preencher as cotas do trabalho escravo do qual passou a depender a economia soviética: exploração da madeira, exploração de minas, obras de infraestrutura.

É difícil precisar o número de vítimas que caíram na rede de Stálin. Applebaum (2006. P. 576) menciona um total de 28.700.000, entre os que foram para os campos e os deportados. Mas os registros são falhos, escondiam-se as mortes, as prisões.

Voltando a Chálov, sua primeira prisão se deu por impressão de material ilegal, o chamado “Testamento de Lênin” ou “Carta ao Congresso”, de 1922, texto em que o líder bolchevique critica Stálin (TOKER. 2008). Como dito acima o escritor cumpriu seus três anos de pena em Solovki, foi quando conheceu sua primeira esposa, Galina Ignatievna Gudz. Solto em 1932, considerou a prisão um começo de sorte: todo intelectual deveria passar por essa experiência. Em Moscou, trabalhou como jornalista. Casou-se em 1934 e em 1935 nasceu sua filha, Elena. Em 1936, publicou seu primeiro conto no primeiro número do jornal *Oktiabr*. Mesmo tendo se afastado do movimento trotskista, foi preso novamente em 1937. Foi mandado para Kolimá, condenado a 5 anos em campos de trabalho.

Entre 37 e 43 Chálov trabalhou em minas de ouro, carvão, passou por campos de trânsito e de castigo. Em várias ocasiões chegou ao estado terminal, sendo salvo sempre pela sorte. O trabalho nas minas matava:

Em um campo, em uma mina de ouro ao ar livre, com um saudável ar invernal, com uma jornada de 16 horas e sem feriados, com fome sistemática, uns farrapos como roupa, umas horas de sono a sessenta graus abaixo de zero, em uma barraca de lona furada, e recebendo surras dos encarregados, dos criminosos convertidos em capatazes e dos guardas, para que, nestas condições, um homem jovem saudável, que começa sua carreira, se

converta em um "terminal", são necessários vinte a trinta dias.¹
(CHALÁMOV, 1955)

Nos campos russos, o preso em estado "terminal" era chamado de *fítíl* (фитиль, significa pavio), ou *dokhodiagi* (доходяги, os que estão para morrer). Chalámov é um dos raros casos em que um *fítíl* volta para contar sua história. "Sententia"² é um conto muito bonito sobre a recuperação do prisioneiro que volta do mundo dos mortos. A vida que retorna com a linguagem, ou vice-versa.

Colocado em um trabalho leve, o de ferver água em uma expedição para encontrar carvão, o narrador está perto do fim: "Em mim havia pouco calor. Era pouca a carne que me restava nos ossos. Aquela carne bastava somente para a raiva, o último dos sentimentos humanos. Não era a indiferença, e sim a raiva, o último dos sentimentos do homem, o que se achava mais perto dos ossos"³ (CHALÁMOV, 1965). E com raiva, o narrador se dispunha a morrer. "Mas a morte, tão perto havia tão pouco tempo, começou pouco a pouco a separar-se de mim. E, contudo, o que veio substituir a morte não foi a vida, mas um estado de semi-inconsciência, uma existência impossível de formular, mas que não se pode chamar de vida"⁴ (CHALÁMOV,

¹ В лагере для того, чтобы здоровый молодой человек, начав свою карьеру в золотом забое на чистом зимнем воздухе, превратился в доходягу, нужен срок по меньшей мере от двадцати до тридцати дней при шестнадцатичасовом рабочем дне, без выходных, при систематическом голоде, рваной одежде и ночевке в шестидесятиградусный мороз в дырявой брезентовой палатке, побоях десятников, старост из блатарей, конвоя (tradução minha).

² *Сентенция; sententsia* (1965); <http://www.shalamov.ru/library/3/26.html>

³ У меня было мало тепла. Не много мяса осталось на моих костях. Этого мяса достаточно было только для злости – последнего из человеческих чувств. Не равнодушные, а злость была последним человеческим чувством – тем, которое ближе к костям. (tradução minha)

⁴ Но смерть, такая близкая совсем недавно, стала понемногу отодвигаться. Не жизнью была смерть замещена, а полусознанием, существованием, которому нет формул и которое не может называться жизнью. (tradução minha)

1965). Ele ainda esperava o golpe final, que poderia vir de qualquer lugar.

A paisagem descreve seu estado de espírito que, aos poucos, vai se modificando: “Comecei a olhar cada dia com mais indiferença, sem raiva, o frio sol vermelho, as montanhas, as clareiras, onde tudo – as rochas, as curvas dos riachos, os lariços, os álamos – tudo era anguloso e ameaçador”⁵ (CHALÁMOV, 1965). Uma noite, o narrador descobre, com assombro, que estava ouvindo os gemidos e roncões dos outros habitantes da barraca enquanto dormiam. O que significava que ele próprio estava dormindo menos, tinha menos necessidade de sono do que antes, menos necessidade de entregar-se ao esquecimento pelo sono. Surgiu uma dor nos músculos, não sentida antes.

Então apareceu um sentimento que não era ódio ou raiva, mas uma indiferença ao medo. “Compreendi que me era indiferente se me batiam ou não, se me davam a ração na hora de comer ou não me davam”⁶ (CHALÁMOV, 1965). Percebeu enfim que só apanharia na mina, não ali. E começou a recuperar forças, afastando-se, aos poucos, da morte.

Continuando seu caminho de retorno, depois da indiferença veio o medo: de perder aquele trabalho, o calor da estufa, o medo, enfim, de voltar para a mina. O próximo sentimento a voltar foi a inveja: dos companheiros mortos, de alguém que mastigava ou fumava alguma coisa.

Só o amor não voltou, os homens precisam muito pouco de amor, segundo o narrador: “O amor chega por último, é o último a

⁵ Я стал все более равнодушно, без злобы, смотреть на холодное красное солнце, на горы, гольцы, где все: скалы, повороты ручья, лиственницы, тополя – было угловатым и недружелюбным. (tradução minha)

⁶ Я понял, что мне все равно – будут меня бить или нет, будут давать обед и пайку – или нет. (tradução minha)

regressar; será que regressa mesmo? Mas não apenas a indiferença, a inveja e o medo foram testemunhas de meu retorno à vida. A piedade pelos animais regressou antes que a piedade pelos homens"⁷ (CHALÁMOV, 1965). Percebe isso quando impede o topógrafo, a quem sempre acompanhava nas expedições, de atirar em um pássaro. A piedade pelos animais e também a força para agir.

Vivendo durante muitos anos sem livros ou periódicos e se servindo para a comunicação de um vocabulário de não mais que vinte palavras, o narrador se assusta quando surge em seu cérebro uma palavra inútil na taiga: *sententia*. Surge em um grito para o céu, seguido de uma gargalhada. “_ Sententia! – uivava à queima-roupa para o céu do Norte, para as duas auroras, uivava sem compreender o significado da palavra que havia nascido em mim. E se aquela palavra havia regressado, se voltava de novo a mim, tanto melhor! Uma enorme alegria enchia todo o meu ser”⁸ (CHALÁMOV, 1965)! Até a paisagem se modifica, contando sobre o estado de espírito do narrador: “Nem mesmo as pedras me pareciam mortas, sem falar da erva, das árvores, do rio. O rio não só era a encarnação da vida, não só era o símbolo da vida, mas a vida mesma”⁹ (CHALÁMOV, 1965). E o medo de que a palavra desaparecesse como tinha aparecido. Mas não, ela não desapareceu. Palavra que lhe lembrava da Roma antiga, a Roma das lutas políticas.

⁷ Любовь приходит последней, возвращается последней, да и возвращается ли она? Но не только равнодушие, зависть и страх были свидетелями моего возвращения к жизни. Жалость к животным вернулась раньше, чем жалость к людям.(tradução minha)

⁸ – Сентенция! – орал я прямо в северное небо, в двойную зарю, орал, еще не понимая значения этого родившегося во мне слова. А если это слово возвратилось, обретено вновь тем лучше, – тем лучше! Великая радость переполняла все мое существо.(tradução minha)

⁹ Даже камень не казался мне мертвым, не говоря уже о траве, деревьях, реке. Река была не только воплощением жизни, не только символом жизни, но и самой жизнью.(tradução minha)

Ficou uma semana tentando compreender a palavra, repetindo-a, pensando. “E ao cabo de uma semana compreendi, e me estremei de medo e de alegria. De medo, porque me espantava regressar a um mundo para o qual me haviam fechado as portas. E de alegria, porque comprovava que a vida voltava a mim alheia à minha própria vontade”¹⁰ (CHALÁMOV, 1965). Depois disso, outras palavras foram surgindo, uma após a outra, uma por vez, primeiro na língua, depois no cérebro. O conto termina com todos os trabalhadores, chefes, capatazes, largando tudo o que estavam fazendo para reunirem-se ao redor de um gramofone trazido por um alto comando que tinha vindo para o campo. Para espanto de todos, o aparelho tocava uma música sinfônica. Foi o passo a passo de um prisioneiro que volta à vida, terminando com uma abertura para a esperança, para a renovação, simbolizada pela música. A linguagem que foge, pela primeira vez em anos, do jargão do campo. O acesso à linguagem é um sopro de liberdade e humanização.

A narração desse conto dá uma ideia, ainda que de modo indireto, sobre a situação desesperadora do prisioneiro em Kolimá. Desesperadora mesmo, para a qual ninguém estava preparado, um grau de desumanização sem precedentes. Segundo Chalámov, os homens que deixavam as prisões, com seu ar viciado, interrogatórios e tensão constante, sonhavam com o “ar livre” do campo de trabalho. Quando chegavam, encontravam a atmosfera rarefeita da taiga com seus vapores pantanosos. Os pés passavam todo o dia molhados e no inverno tudo se cobria de gelo. Os mosquitos cobriam o rosto todo, era impossível trabalhar sem proteção e impossível trabalhar com ela. Para um trabalho de 16 horas, descontando o tempo de comer, de se locomover até o local de trabalho, das contagens intermináveis,

¹⁰ А через неделю понял – и содрогнулся от страха и радости. Страх – потому что пугался возвращения в тот мир, куда мне не было возврата. Радости – потому что видел, что жизнь возвращается ко мне помимо моей собственной воли.

sobravam 4 horas de sono. Ódio: era esse o sentimento que o trabalho em Kolimá despertava (CHALÁMOV, 1955)

Além disso, as cotas eram impossíveis de serem atingidas. E Chalámov esteve em alguns campos em que a comida estava condicionada à realização das cotas, ficava sem comida a brigada que não a atingisse. Os números são absurdos: a cota no tempo dos dezembristas (participantes de uma revolta contra o czar em 1825), por exemplo, era de 3 puds de terra, ou seja, cada trabalhador deveria mexer com 3 puds de terra no trabalho na mina. No tempo de Chalámov, a cota era de 800 puds, sendo que cada pud equivale a 16, 38kg (DOMÍNGUEZ, 2007).

Havia o escorbuto generalizado, a disenteria, a pelagra, a extenuação, e a distrofia alimentar, nome dado pelas autoridades para a fome. Os barracões úmidos, a impossibilidade de se esquentar, os congelamentos, a falta total de esperanças. O prisioneiro vivia apenas para o dia de hoje. Para Chalámov, a esperança é uma maneira de destruir a vontade do homem, é um fantasma traiçoeiro que inocula a corrupção nas almas dos presos, como escreveu em um de seus contos.

Além de tudo isso, a maior parte dos campos era dominada pelos criminosos, cooptados pelo estado para tornar a vida dos "políticos"¹¹ insuportável: roubavam, batiam, matavam. Só na década de 50, com

¹¹ Os que não eram presos por crime comum, em geral eram presos pelo artigo 58. Esse artigo foi um dos 148 do Código Penal de 1926: "grande, potente, abundante, ramificado, diversificado, devastador, o artigo 58 é um mundo completo, não só na formulação dos seus parágrafos, mas quanto à sua interpretação ampla e dialética". (Soljenítsin, p. 70). Ele não é um artigo para delitos "políticos", está no capítulo para "crimes contra o estado". Consta de 14 parágrafos, amplamente interpretados, abarcando ação antirrevolucionária, espionagem, insurreição armada, ajuda prestada a países estrangeiros ou à burguesia internacional, atividades nocivas à indústria e às cooperativas, terror, entre outras coisas. O mais abrangente era o décimo parágrafo, que continha a agitação e propaganda antirrevolucionárias: servia para tudo. "Na realidade, não existe debaixo dos céus infração, intenção, ação ou inação, que não possa ser castigada pela mão de ferro do artigo 58." (SOLJENÍTSIN, p. 70).

a chegada aos campos de grandes contingentes de soldados e de populações que não tinham medo dos bandidos, começou a haver um pouco de resistência a esses pequenos chefes:

São incontáveis as maldades dos ladrões nos campos. Suas desgraçadas vítimas são homens trabalhadores de quem o ladrão arranca o último trapo, furta o último dinheiro e a vítima não se atreve a queixar-se, pois vê que o ladrão é mais forte que a autoridade. O ladrão pega o trabalhador e o obriga a trabalhar; são dezenas de milhares os homens que os ladrões bateram até a morte. A ideologia do crime corrompeu centenas de milhares de seres que passaram pelo cárcere e que na prisão deixaram de ser homens¹². (CHALÁMOV. 1959)

Para Chalámov, os criminosos não eram pessoas e ditavam o modo de vida na prisão: “O campo de trabalho é uma escola negativa da vida, negativa por inteiro em todos os sentidos. Ninguém tirará nunca do campo nada de útil (...)”¹³ (CHALÁMOV, 1959) Diz ainda: “Tantas são ali as coisas que o homem não deve saber, que não deve ver, e se tiver visto, mais vale morrer.”¹⁴ Essa ideia, de que o campo não ensina nada, só desumaniza, é muito forte em Chalámov: é repetida várias vezes ao longo de sua obra e é marca de sua experiência no campo.

Em 43, a pena de Chalámov foi prorrogada até o fim da guerra, por ter chamado Bunin de “clássico”. Pouco depois, ganhou uma

¹² Неисчислимы злодеяния воров в лагере. Несчастные люди – работяги, у которых вор забирает последнюю тряпку, отнимает последние деньги, и работяга боится пожаловаться, ибо видит, что вор сильнее начальства. Работягу бьет вор и заставляет его работать – десятки тысяч людей забиты ворами насмерть. Сотни тысяч людей, побывавших в заключении, растлены воровской идеологией и перестали быть людьми. (tradução minha)

¹³ Лагерь – отрицательная школа жизни целиком и полностью. Ничего полезного, нужного никто оттуда не вынесет (...) (tradução minha)

¹⁴ Там много такого, чего человек не должен знать, не должен видеть, а если видел – лучше ему умереть. (tradução minha)

pena de mais 10 anos. Paradoxalmente, essa pena salvou-lhe a vida, pois mudou sua acusação: de "atividade contrarrevolucionária terrorista", passa a ser acusado de "propaganda antissoviética", o que lhe dá uma chance de ir para os trabalhos menos pesados (TOKER, 2000, p. 145). Foi transferido do campo mortal em que estava para um hospital da prisão, onde pôde recuperar o peso e as forças. Volta para as minas e tem sua vida salva quando um médico se interessa por ele e o manda para um curso de paramédicos (GLAD, 1994). Terminado o curso, começa a trabalhar como assistente em um hospital. Nesse trabalho permanece até 51, quando termina sua pena.

Libertado em 51, Chalámov pôde deixar Magadan apenas em 53. De volta a Moscou, começa a escrever *Contos de Kolimá* em 54. Foi oficialmente "reabilitado" em 1956 e passa a trabalhar como jornalista no jornal *Moskva*. Em 57, vê publicados seus primeiros poemas dos *Cadernos de Kolimá*, oficialmente. Em 66 conhece Sirotinskaia, figura muito importante em sua vida, seu último amor. No final da década de 70, já quase surdo, foi morar em uma casa de repouso para deficientes. Em 1980 recebe a notícia de ter ganhado um prêmio na França, que nunca chega até ele.

A partir da década de 60, tornou-se uma prática comum mandar os prisioneiros políticos para clínicas psiquiátricas, numa tentativa das autoridades de desacreditarem as vítimas, taxando-as de loucas. Foram criados diagnósticos como "esquizofrenia latente" ou "esquizofrenia sigilosa", cujo sintoma era o comportamento antissocial (APPLEBAUM. 2006. P. 543). A clínica era uma maneira mais cruel de se eliminar uma pessoa, submetida a eletrochoques e remédios terríveis. Foi assim com Chalámov quando quiseram se livrar dele: já velho, cego, surdo, com a doença de Menière, Parkinson, angina, demência, morando em um asilo para velhos, foi transferido à força para uma instituição psiquiátrica, em janeiro de 82, o que foi o mesmo que lhe dar uma pena de morte.

Morre em 27 de janeiro de 1982.

Sua obra mais importante é *Contos de Kolimá*, formado por seis ciclos de contos que narram sua experiência de dezessete anos nos campos do Gulag. Essa obra nunca foi publicada em seu próprio país durante sua vida, pelo menos não oficialmente. Em 1961 conseguiu que fossem publicadas pequenas coletâneas de poesia sobre sua experiência em Kolimá, mas não obteve com isso o reconhecimento esperado. Depois da morte de Stálin, a URSS passa por um período de *degelo*, ou seja, de abertura política. Milhares de prisioneiros dos campos foram soltos nessa fase: 8, de 12 milhões. O discurso de Khrushchev no 20º Congresso, onde revelava crimes de Stálin, marcou o período e deu a Chalámov alguma esperança de ser publicado, sobretudo depois da publicação de *Um dia na vida de Ivan Denísovitch*, em 62, obra em que Soljienítsin relata um dia na vida de um prisioneiro do Gulag. É a primeira vez que se publica um livro com esse tema. Mas depois disso o regime endurece novamente e Chalámov continua sem conseguir publicar.

Em 1966, os manuscritos de seus contos foram levados para os Estados Unidos e entre 1970 e 76, alguns de seus contos foram publicados em jornais *emigrées*, de Nova York e Frankfurt. Só em 1978 foi publicada a primeira versão completa de *Contos de Kolimá*, em russo, pela Overseas Publications Interchange Ltd de Londres. *Contos de Kolimá* foram publicados na Rússia só na década de 80, depois da morte de seu autor. No Brasil essa obra ainda está em fase de tradução.

Chalámov escreveu muito. Além de seus *Contos de Kolimá*, sua obra mais conhecida, escreveu muita poesia (talvez a parte de sua obra literária pela qual tinha maior apreço), ensaios, teatro, cartas, obras mais marcadamente autobiográficas. A maior angústia do autor foi não conseguir que sua obra fosse publicada oficialmente em seu país e, ao invés disso, vê-la publicada esparsamente em países

estrangeiros e em *samizdat* (rede clandestina de circulação de manuscritos que não podiam ser publicados oficialmente, que se tornou importante arma no movimento dissidente, na luta pela democratização do regime). Para o autor, a força de seus contos estava no seu conjunto: a obra toda tem um ritmo que também conta sua história, cada conto está no lugar em que deveria estar e não deveriam ser publicados separadamente. Mas, assim como acontecia dentro do campo, tudo depende sempre da sorte, da interferência de fatores externos. Ao prisioneiro do Gulag não é dado controlar seu destino, como ao escritor Chalámov não foi dado o poder de controlar a publicação de sua obra.

Para dar conta de tanta dor ele inventa a sua "nova prosa", seu projeto literário. Para o autor, depois de Auschwitz, Hiroshima e Kolimá, o leitor precisava de algo diferente que a literatura tradicional não poderia mais dar. O leitor precisava da verdade, de histórias verdadeiras, não de personagens e enredos inventados. Em seu texto "Sobre a Prosa" (1965), Chalámov diz que tudo o que está em sua obra é verdade, é a marca que a experiência lhe deixou na alma: sua prosa "não é prosa de documento, mas prosa, que foi sofrida como documento"¹⁵. A base de sua obra é a memória, mas ficcionalizada, transformada em prosa artística pelo talento. O autor descreve seus métodos de escrita em "Sobre a prosa" (1965) e em "Sobre a minha prosa" (1971): o que vai para o papel é ditado pela memória, já vem pronto. É preciso solidão para escrever, ele fala sozinho, chora, grita, as memórias causam dor e o escritor só se acalma depois que um conto ou uma parte de um conto é escrito.

Chalámov queria retratar a luta do homem contra o Estado, a luta por si mesmo e em si mesmo. Buscar o que resta de humano em homens vivendo sob condições sub-humanas: existiria a possibilidade de algum grau de autonomia? Considerava sua obra uma

¹⁵ Не проза документа, а проза, выстраданная как документ. (tradução minha)

novidade ainda que muito já tivesse sido escrito sobre os campos. A escrita simples, sem rodeios, enfeites, adjetivos, fruto da experiência do autor; a verdade; a importância do sentimento, a importância do detalhe-símbolo como construtor de contextos, deixando para trás as longas descrições de paisagens e a construção de personagens dos realistas do XIX (CHALÁMOV, 1965). Essas eram as principais características do que chamou de “nova prosa”.

Há um forte componente ético em sua escrita: escreveu para que as vítimas dos campos não fossem esquecidas. Foi sua maneira de lutar contra o sistema, obrigação moral, ainda que lembrar fosse dolorido. Sua prosa era uma bofetada contra o stalinismo (CHALÁMOV, 1971) e não haveria ali nada que não fosse o triunfo do bem e a superação do mal, levando-se em conta o campo da arte. Sua obra é sua maneira de transformar sua experiência, e depois poder esquecer.

Referências bibliográficas

- APPLEBAUM, Anne. *Gulag, Historia de los campos de concentración soviéticos*. Barcelona: Debolsillo, 2006
- CHALÁMOV, Varlam. *O prose* (Sobre a prosa). 1965. Disponível em <http://www.shalamov.ru/library/21/45.html>. (acesso em junho de 2015)
- _____. *O maiei prose* (Sobre a minha prosa). 1971. Disponível em <http://www.shalamov.ru/library/21/61.html> (acesso em junho de 2015)
- _____. *Krasni Kriest* (Cruz vermelha). 1959. Disponível em <http://www.shalamov.ru/library/2/31.html> (acesso em junho de 2015)
- _____. *Sententsia*. (Sententsia). 1965; Disponível em <http://www.shalamov.ru/library/3/26.html> (acesso em junho de 2015)
- _____. *Tatarski mula e chistie vazdu* (O mulá tártaro e o ar livre). 1955. Disponível em <http://www.shalamov.ru/library/2/19.html> (acesso em junho de 2015)
- DOMÍNGUEZ, Carlos Espinosa. *El poeta del infierno congelado*. Renacimiento. Nº55/58. 2007 (pp 141-152).
- GLAD, John. *Foreword*, in SHALAMOV, Varlam. *Kolyma Tales*. Penguin Books. 1994.

SOLJENÍTSIN, Alexander. *Arquipélago Gulag*. Círculo do Livro, s.d.

TOKER, Leona. *Return from the Archipelago, Narratives of Gulag survivors*. Indiana University Press. Bloomington & Indianapolis. 2000